

Arquitetura como Ecologia Criativa: Pancho Guedes como alternativa aos paradigmas modernistas de sustentabilidade

Architecture as Creative Ecology: Pancho Guedes as an alternative to modernist paradigms of sustainability

Miguel Maria Ribeiro da Silva, doutorando em Arquitetura e Urbanismo, UFES.
miguel.m.silva@edu.ufes.br

Isabela Teodoro Pinheiro, doutorando em Arquitetura e Urbanismo, UFES.
isabela.t.pinheiro@edu.ufes.br

Clara Luiza Miranda, Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), docente no PPG em Arquitetura e Urbanismo, UFES.
claravix50@gmail.com

Liziane de Oliveira Jorge, Doutora em Arquitetura e Urbanismo (FAUUSP), docente no PPG em Arquitetura e Urbanismo, UFES.
lizianej@gmail.com

Número da sessão temática da submissão – 06

Resumo

Este artigo investiga como os princípios presentes no *Vitruvius Mozambicanus* podem orientar práticas de projeto sustentável em contextos tropicais. Questiona-se o tecnocentrismo do modernismo e das certificações ambientais globais, que frequentemente ignoram cultura e materialidade local. O objetivo é analisar e sistematizar esses princípios, traduzindo-os em diretrizes projetuais. Através de uma abordagem qualitativa e análise interpretativa das obras de Pancho Guedes, o estudo sistematiza diretrizes projetuais que articulam forma, clima e imaginário, o que permite concluir que a obra de Guedes oferece uma alternativa robusta para o Sul Global, integrando cultura e ecologia de forma regenerativa.

Palavras-chave: Ecologia criativa; Pancho Guedes; Arquitetura tropical sustentável.

Abstract

This article investigates how the principles present in Vitruvius Mozambicanus can guide sustainable design practices in tropical contexts. It questions the technocentrism of modernism and global environmental certifications, which often ignore local culture and materiality. The objective is to analyze and systematize these principles, translating them into design guidelines. Through a qualitative approach and interpretive analysis of the works of Pancho Guedes, the study systematizes design guidelines that articulate form, climate, and imagination, leading to the conclusion that Guedes' work offers a robust alternative for the Global South, integrating culture and ecology in a regenerative way.

Keywords: Creative ecology; Pancho Guedes; Sustainable tropical architecture.

1. Introdução

A Arquitetura contemporânea situa-se no centro de uma crise sistêmica global marcada pela urgência da sustentabilidade e pelo agravamento das mudanças climáticas (Tavares, Chiletto e Ino, 2022). Apesar da disseminação dos discursos de sustentabilidade desde o Relatório Brundtland (1987), muitas das estratégias adotadas mantêm-se ancoradas em abordagens tecnocráticas ou economicistas, configurando um *status quo* que reduz a complexidade do problema ambiental (Hopwood, Mellor e O'Brien, 2005 apud Tavares, Chiletto e Ino, 2022). Tal reducionismo expressa-se em sistemas de certificação como o LEED (Leadership in Energy and Environmental Design), que privilegiam desempenho tecnológico e materiais globais, convertendo a “onda verde” em retórica institucional ou *greenwashing*, em vez de promover uma arquitetura culturalmente sensível (Sobreira, 2010).

Essa tendência ecoa críticas históricas ao Modernismo, acusado de falta de humanismo e de uma atitude de “tábula rasa” que desconsiderou contextos culturais (Frampton, 2005). Em regiões tropicais, o movimento moderno frequentemente negligenciou especificidades climáticas e materiais, resultando em soluções incoerentes (Gonsales, 2024). Nesse contexto, surge a noção de Arquitetura como Ecologia Criativa (EC), um horizonte conceitual que articula cultura, socialidade e inventividade como dimensões essenciais da sustentabilidade (Rodrigues & Chagas-Ferreira, 2024; Howkins, 2017; Landry, 2011). A criatividade, entendida como imaginação aplicada, constitui um instrumento adaptativo capaz de integrar materialidade, clima e expressão simbólica (Landry, 2011).

É nesse enquadramento que se insere a obra de Amâncio d'Alpoim Miranda (Pancho) Guedes (1925–2015). Em Moçambique, entre as décadas de 1950 e 1975, Guedes desenvolveu uma produção singular marcada pela recusa ao dogmatismo e por uma metamorfose formal constante (Oliveira, 2014). Embora dialogasse com o *Team 10*, subverteu seus pressupostos ao criar o *Stiloguedes*, uma linguagem híbrida que articula modernidade, clima, cultura e materiais locais (Figueira, 2013). Essa produção sistematizada no *Vitruvius Mozambicanus*, que comporta vinte e cinco famílias arquitetônicas.

Considerando a necessidade de superar visões restritas de sustentabilidade, esta pesquisa se orienta pela seguinte questão: Como os princípios de ecologia criativa identificados no *Vitruvius Mozambicanus* podem orientar práticas de projeto sustentável integrando arte, cultura, clima e materialidade? O objetivo deste artigo é analisar e sistematizar esses princípios, traduzindo-os em diretrizes projetuais aplicáveis a contextos tropicais contemporâneos. O artigo organiza-se em três partes: a discussão da crise da sustentabilidade e as limitações do tecnocentrismo e do Modernismo; análise de obras de Pancho Guedes presentes no *Vitruvius Mozambicanus*; e a sistematização dos princípios da ecologia criativa em diretrizes projetuais.

Apesar do crescente debate sobre a sustentabilidade na arquitetura, grande parte da literatura permanece centrada em abordagens tecnocêntricas. O que pode desconsiderar dimensões culturais, climáticas e materiais específicos dos contextos tropicais. Portanto, a pesquisa procura preencher essa lacuna ao interpretar a obra de Pancho Guedes como matriz de Ecologia Criativa, capaz de articular arte, cultura, clima e materialidade em princípios operativos de projeto sustentável aplicáveis a contextos tropicais contemporâneos.

2. Referencial Teórico: Crítica e Epistemologia

2.1. Crítica aos paradigmas modernistas de sustentabilidade

O debate contemporâneo sobre sustentabilidade ganhou força com o Relatório Brundtland (1987), que definiu Desenvolvimento Sustentável como a capacidade de satisfazer as necessidades do presente sem comprometer as gerações futuras. A intenção central era promover um modelo mais equitativo entre povos e nações, sem exceder a capacidade de suporte da biosfera (Tavares, Chiletto e Ino, 2022). Contudo, apesar de seu caráter estruturante, essa definição tornou-se alvo de críticas por não questionar os fundamentos do crescimento econômico, propondo apenas um aprimoramento qualitativo do desenvolvimento industrial como solução para a pobreza e a degradação ambiental. Tavares, Chiletto e Ino (2022) observam que o compromisso do Relatório com a manutenção do sistema econômico global constitui um dos principais entraves à construção de uma política ambiental genuinamente transformadora. Na arquitetura, essa limitação se manifesta no paradigma tecnocrático da eco-arquitetura, que associa sustentabilidade fundamentalmente a eficiência energética, escolha correta de materiais e uso de soluções técnicas padronizadas (Castelnou, 2003). Essa lógica se consolida em certificações como o LEED, que orientam o design por cartilhas globais e procedimentos universais, promovendo a importação de modelos e tecnologias pouco sensíveis às realidades locais (Sobreira, 2010).

A crença na tecnologia como única via de solução é, portanto, limitada. Castelnou (2003) alerta que tanto a tecnolatria quanto o retorno nostálgico ao primitivismo são equívocos, pois deslocam o debate da esfera política e cultural. A racionalização produtiva, típica do capitalismo contemporâneo, privilegia a eficiência e reforça o imperativo de “produzir mais consumindo menos” (Tavares, Chiletto e Ino, 2022), mas não enfrenta a origem da crise ecológica, que está enraizada na descontextualização cultural e na ruptura dos laços tradicionais provocadas pela modernidade. O Movimento Moderno, ao adotar um reducionismo de tábula rasa, contribuiu para a “destruição sistemática da cultura urbana” (Frampton, 2005, p. 294).

No Sul Global, essas tensões tornam-se ainda mais complexas. A difusão da arquitetura moderna colonial, esteticamente expressiva, porém vinculada aos colonialismos europeus, intensificou a marginalização dos saberes vernaculares (Gonsales, 2024). Shimbo (2021) destaca que a padronização moderna ignora a singularidade de lugares e culturas, fomentando a perda de práticas tradicionais. A observação do Guedes em Moçambique reforça esse quadro: apesar da eficiência e adaptação das casas de capim, muitos habitantes preferiam a “casa do branco”, evidenciando a desvalorização cultural associada ao ideal de progresso (Guedes, 1985). Diante desse cenário, autores como Castelnou (2003) e Papanek (1998 apud Castelnou, 2003) defendem alternativas descentralizadas, locais e enraizadas culturalmente. Modelos baseados em saberes tradicionais, materialidade local, escalas humanas e respostas bioclimáticas, como propõe o Regionalismo Crítico (Guimaraens, 2024), configuram caminhos capazes de tensionar e superar os limites dos paradigmas modernistas de sustentabilidade.

2.2. O Estatuto Epistemológico da Ecologia Criativa e *Vitruvius Mozambicanus*

A EC é um conceito formulado por John Howkins para descrever uma ecologia do pensamento e da aprendizagem, centrada na forma como ideias são emprestadas, transformadas e compartilhadas, escapando dos modelos rígidos da era industrial (Howkins, 2017, p. 3). O termo “ecologia” é empregado em seu sentido original, o estudo dos organismos em relação ao seu ambiente, para compreender por que o pensamento independente floresce em certos contextos e é reprimido em outros (Howkins, 2017, p. 2). Nessa linha, Landry (2011) define a EC como um modelo de sustentabilidade fundamentado na invenção, na hibridação e na bricolagem, defendendo que a criatividade não é mero talento artístico, mas uma mistura de fatores ecológicos, sociais e culturais que favorecem a adaptação eficiente (Howkins, 2017, p. 4). A criatividade, entendida como imaginação aplicada (Landry, 2011), configura-se como uma habilidade multidimensional intrinsecamente vinculada às condições históricas, culturais e sociais (Rodrigues & Chagas-Ferreira, 2024).

De acordo com Howkins (2017) a EC opera como uma matriz teórica sistêmica que fundamenta a sustentabilidade na inventividade e na hibridação de saberes. No campo projetual, segundo Morreira (2013) e Howkins (2017), consolida-se como abordagem metodológica ao converter o contexto cultural e as variáveis bioclimáticas em diretrizes práticas (PECs). Simultaneamente, estabelece um posicionamento ético ao reivindicar a autonomia criativa frente a dogmas universais (Howkins, 2017) e um modelo interpretativo para decodificar obras complexas como o *Vitruvius Mozambicanus*. Assim, transcende a metáfora, configurando-se como uma ecologia do pensamento e da aprendizagem que articula diversidade e adaptação para promover a resiliência arquitetônica (Howkins, 2017).

Entretanto, essa abordagem corresponde a um sistema que promove ambientes em que a criatividade é ubíqua, estendendo-se para áreas como governança, saúde, serviços sociais e cultura, e atua como recurso para desenvolver soluções inovadoras, articulando patrimônio, identidade e sustentabilidade (Ashton, 2018; Landry, 2011). Ela valoriza a cultura e o patrimônio como meios para atrair investimentos e gerar oportunidades (Ashton, 2018), ao mesmo tempo em que permite que a sustentabilidade surja da hibridização de meios e culturas, incorporando referências externas de maneira crítica e contextualizada (Frampton, 2005). É nesse ecossistema conceitual que se insere a obra de Pancho Guedes. Arquiteto, pintor, escultor e teórico, Guedes construiu uma trajetória marcada pela simbiose entre disciplinas, numa constante metamorfose criativa (Oliveira, 2014). Sua atitude interdisciplinar libertou-o das amarras do funcionalismo modernista e aproximou-o das correntes organicistas e expressionistas que, entre as décadas de 1950 e 1960, ofereciam uma alternativa ao modernismo hegemônico (Guedes, 1985).

Essa abertura epistemológica reflete diretamente os princípios da EC. A produção de Guedes contrariava a “pressa” associada à modernização nos países em desenvolvimento (Guedes, 1985), adotando um ritmo inventivo que se adaptava às exigências físicas, sociais, culturais e temporais do contexto moçambicano. Seus estilos, mutáveis, híbridos e indomáveis, evidenciam uma energia nômade que traduz a capacidade de inovar a partir da cultura local, dos saberes e fazeres, no sentido indicado por Ashton (2018).

O *Vitruvius Mozambicanus*, catálogo auto-organizado de sua obra em vinte e cinco

famílias arquitetônicas, pode ser visto como manifesto ecológico-cultural (Guedes, 1985). A recusa em classificar seus projetos por época, função ou autor revela um posicionamento contrário às convenções modernas, aproximando sua arquitetura da EC, que valoriza as múltiplas raízes e a hibridação de referências. Embora percebesse a arquitetura vernacular moçambicana, especialmente as casas de capim, como um marcador de desigualdade, Guedes reconhecia que eram “maravilhosas, perfeitamente adaptadas e econômicas” (Guedes, 1985, p. 273), e as empregava quando havia poucos recursos. Essa postura aproxima-o do Regionalismo Crítico, que propõe reinterpretar elementos vernaculares sem cair em nostalgia ou folclorização (Frampton, 2005; Guedes, 1985). Seu compromisso com linguagens morfológicas comprometidas com o lugar, com materiais não esgotáveis e com o aproveitamento da mão de obra local conecta-se aos princípios de uma prática tecnológica e culturalmente apropriada (Castelnou, 2003).

Para Guedes, o clima não era um entrave a ser resolvido pela tecnocracia, mas uma matriz projetual. A forma deveria “abraçar o clima”, incorporando as energias do espaço para garantir conforto e eficiência, em consonância com os princípios do Regionalismo Crítico, que rejeita a dependência do ar-condicionado em favor de estratégias bioclimáticas como iluminação natural, sombreamento e ventilação (Guimaraens, 2024; Castelnou, 2003). A arquitetura moderna brasileira, referência para os contextos tropicais, já demonstrava esse diálogo com a natureza por meio de brises, treliças, varandas e gelosias (Mendes, 2012; Gonsales, 2024), reforçando a oposição a uma cultura ocidental agressiva em relação ao meio ambiente (Guimaraens, 2024). Nesse sentido, a EC na obra de Guedes emerge como força motriz que articula arte, clima, cultura e técnica. Seu compromisso com a imaginação, fonte de inovação (Reis & Urani, 2011), aliado ao envolvimento com a cultura local, permitiu-lhe produzir uma arquitetura que acolhe o clima e supera o tecnicismo pela invenção formal, afirmando uma sustentabilidade enraizada no lugar, no imaginário e na criatividade humana (Landry, 2011; Castelnou, 2003).

3. Metodologia

A pesquisa adotada uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e analítico-interpretativo, para compreender os Princípios de Ecologia Criativa (PECs) na obra de Pancho Guedes e sua tradução em diretrizes de projeto sustentável. Organiza-se em três etapas. A primeira é uma revisão bibliográfica e documental sobre ecologia criativa, críticas à sustentabilidade modernista e arquitetura tropical, realizada em bases como SciELO, Scopus e Portal CAPES, além do exame do *Vitruvius Mozambicanus*, a fim de construir o quadro conceitual e definir categorias preliminares de análise (Sampaio & Lycarião, 2021). A segunda etapa consiste na análise projetual de obras Guedes, selecionadas pela relevância, representatividade no *Vitruvius Mozambicanus* e diversidade tipológica, a partir de matriz interpretativa estruturada em quatro dimensões: forma e composição, materialidade e técnica, estratégias bioclimáticas e integração entre arte, cultura e imaginário. Na terceira, os princípios identificados são sistematizados e traduzidos em diretrizes de projeto para arquiteturas tropicais contemporâneas. Essa etapa interpretativa final, conforme Creswell (2007), contribui para sugerir caminhos de ação e possíveis transformações no campo do projeto sustentável.

4. Análise projetual de obras emblemáticas de Pancho Guedes

A análise projetual da obra de Pancho Guedes, sob a lente da EC, revela uma alternativa fundamental aos dogmas modernistas, baseada na reinterpretação da forma e na celebração do hibridismo material e cultural.

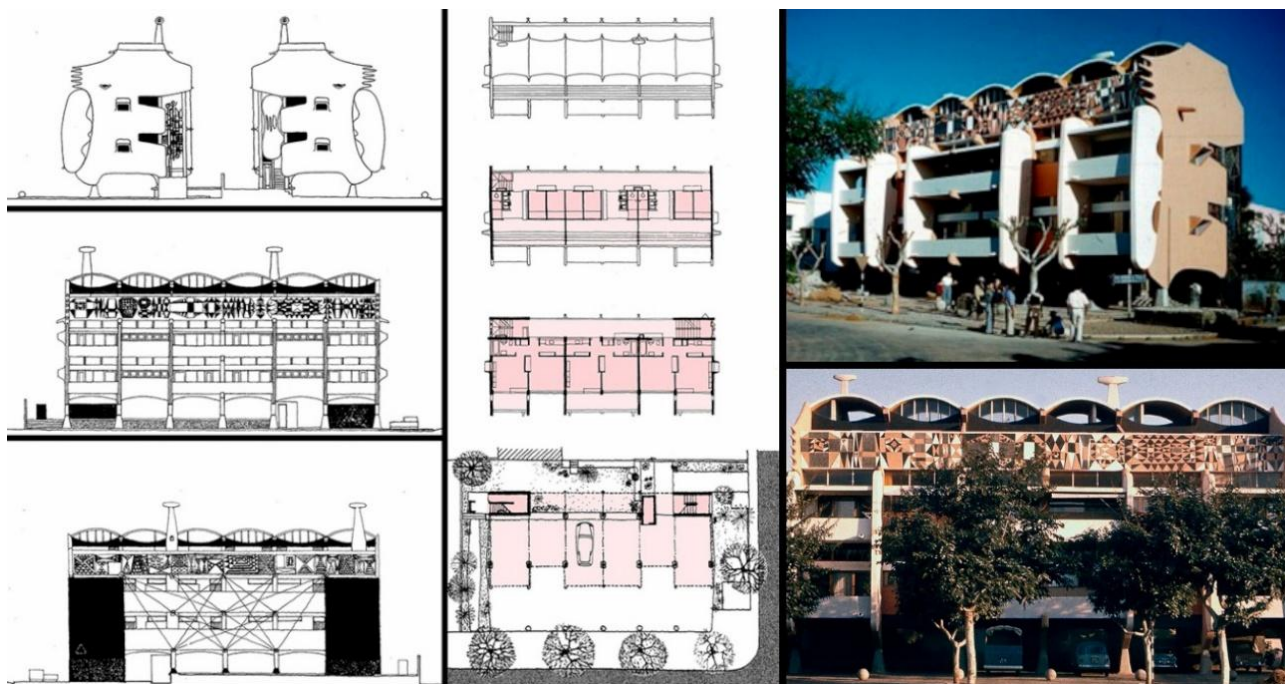


Figura 1: Leão que ri, 1958. Fonte: Adaptado do Guedes (1985) e Guedes (2014).

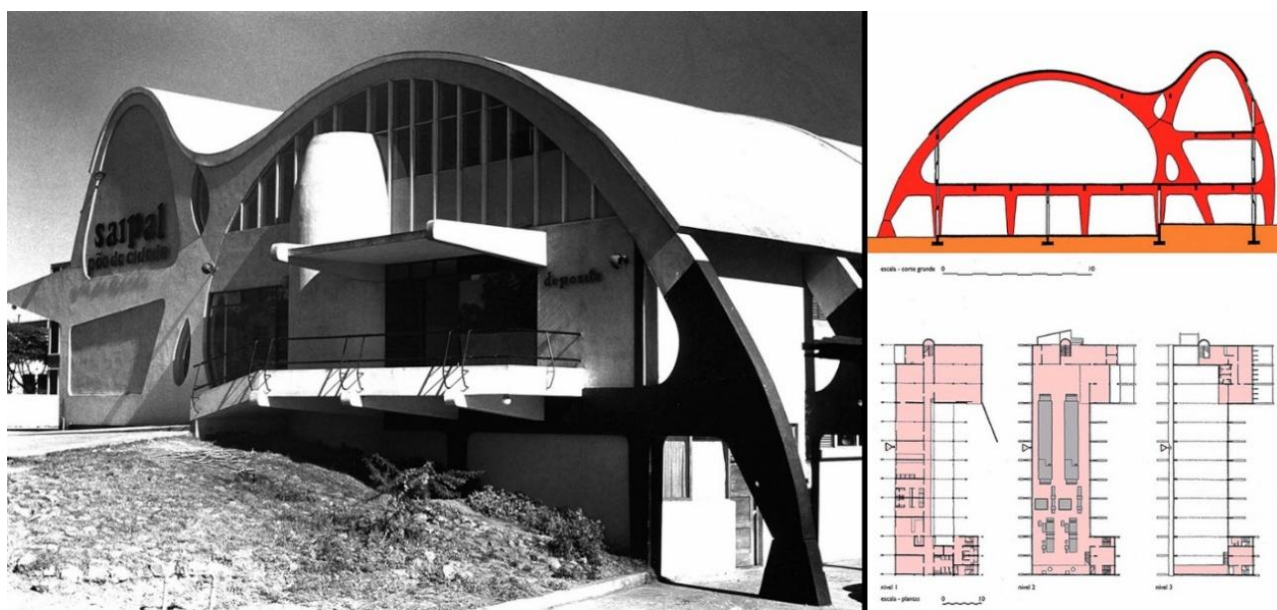


Figura 2: Saipal – Pão da cidade, 1952. Fonte: Adaptado do Guedes (1985) e Guedes (2014).

4.1. Forma e composição (crítica ao universalismo)

A arquitetura de Pancho Guedes evidencia uma ruptura com o Modernismo hegemônico, cuja preferência pela padronização limitava a diversidade expressiva inserido no contexto organicista das décadas de 1950 e 1960, Guedes afirmou uma linguagem própria que recusava o dogmatismo formal. Seu estilo mais singular, o *Stiloguedes*, é descrito pelo próprio autor como uma família “bizarra e fantástica” de edifícios, marcada por volumes dentados, vigas rasgando o espaço e paredes “convulsivas” (Guedes, 1985), elementos que reforçam seu afastamento da ortodoxia modernista. Essa postura inscreve-se numa crítica ao universalismo arquitetônico, já que a complexidade formal de Guedes atua como resistência à padronização. O *Vitruvius Mozambicanus* é exemplar: ao organizar sua obra famílias, recusa classificações rígidas por época, lugar ou intenção, subvertendo a lógica catalográfica modernista (Oliveira, 2014). A rejeição da ortogonalidade também pode ser compreendida como estratégia ambiental: ao “abraçar o clima” por meio da forma, Guedes explora soluções bioclimáticas que buscam ventilação e conforto, alinhando-se ao Regionalismo Crítico (Guimaraens, 2024; Pesci, 2000 apud Castelnou, 2003).

4.2. Materialidade e técnica (hibridismo e contraste)

A materialidade na obra de Guedes uma rejeição à rigidez produtiva modernista, assumindo como expressão de uma EC. Esta abordagem, manifesta-se na obra de Guedes por meio de uma prática que entende a sustentabilidade como fruto da bricolagem, da experimentação. Embora muitas de suas obras revelem um caráter brutalista no uso do concreto aparente (Oliveira, 2014). Guedes distancia-se do Modernismo hegemônico seu emprego do concreto não é tecnocrático, mas escultural e artesanal (Oliveira, 2014), reintroduzindo o arquiteto no papel de “artesão” que a produção industrial havia marginalizado (Moreira, 2013). O hibridismo material caracteriza toda a sua obra, na fusão entre materiais industrializados e técnicas vernaculares (Oliveira, 2014). Guedes incorporava motivos plásticos africanos às superfícies, produzindo novas texturas, pinturas e referências culturais (Oliveira, 2014). Esse sincretismo, que reúne humanismo, etnografia e influências clássicas e africanas (Oliveira, 2014), revela uma arquitetura que reinventa materiais e significados, materializando de forma plena a Ecologia Criativa.

4.3. Estratégias bioclimáticas e respostas ao clima (sustentabilidade formal)

O Regionalismo Crítico rejeita a dependência crescente do ar-condicionado e privilegia respostas formais alinhadas às condições bioclimáticas locais (Guimaraens, 2024). A singularidade de Guedes reside na interpretação formal desses dispositivos. Em vez de adotar brises em composições racionais, recorre ao seu *Stiloguedes*: elementos esculturais, orgânicos e expressionistas. As formas convulsivas, com “bicos e dentes” (Guedes, 1985), podem ser entendidas como estratégias de sombreamento e captura de ventilação cruzada, adaptadas ao clima tropical úmido de Moçambique. Aletas, pérgulas escultóricas e superfícies plásticas modulam a insolação e canalizam brisas, indo além do funcionalismo estrito (Figueira, 2013). O Edifício Leão que ri (1958), articula influências diversas e sua geometria híbrida atua como modulação passiva de luz e calor (Frampton, 2005). A

arquitetura de Guedes, portanto, substitui soluções tecnocráticas por uma sustentabilidade formal inventiva, concebida para dialogar com o clima.

4.4. Integração arte, cultura e imaginário (o operador ambiental)

A obra de Guedes revela uma profunda integração entre arte, cultura e imaginário, resultante de sua atuação multifacetada. Sua produção, marcada por metamorfose constantes entre disciplinas (Oliveira, 2014), expressa uma arquitetura que se manifesta como sensação e emoção (Guedes, 1985). Para além da eficiência estrutural, a arquitetura de Guedes desempenha uma função simbólica. A sustentabilidade social envolve pertencimento (Freitas, 2019), em contraste com a alienação modernista. O *Vitruvius Mozambicanus*, evidencia a importância das fantasias no processo criativo. Códigos antropomórficos e zoomórficos, como no Leão que ri (Farinha, 2020; Oliveira, 2014), funcionam como operadores capazes de mediar a relação entre sujeito e ambiente. Ao mobilizar referências híbridas e criar uma linguagem plástica inventiva, Guedes produz um índice de alteridade: uma forma de resistência ao purismo modernista, enraizada em identidades múltiplas (Fabbrini, 2018; Oliveira, 2014).

5. Sistematização dos princípios de ecologia criativa em diretrizes de projeto sustentável

Os princípios da ecologia criativa identificados na obra de Pancho Guedes podem ser sintetizados em quatro diretrizes essenciais, conforme a tabela 1.

Tabela 1: Matriz de Análise Projetual

Dimensão	Categorias de Análise	Critérios de Avaliação (Indicadores)
Forma e Composição (Crítica ao Universalismo)	Geometria e Espacialidade	• Presença de formas não ortogonais, orgânicas ou “convulsivas” (ex: <i>Stiloguedes</i>). • Contraste entre plantas funcionais/simples e cortes/alçados com exageros formais.
Materialidade e Técnica (Hibridismo Produtivo)	Tectônica e Sinergia Material	• Tratamento do concreto como elemento escultural e artesanal em vez de meramente industrial. • Fusão de materiais industrializados com técnicas e materiais locais/vernáculos.
Estratégias Bioclimáticas (Sustentabilidade Formal)	Dispositivos Ambientais Passivos	• Eficácia formal de elementos escultóricos no sombreamento e captura de ventos. • Substituição de climatização mecânica por modulação passiva da luz e calor via forma.
Integração Arte e Imaginário (O Operador Ambiental)	Simbolismo e Identidade	• Uso de códigos antropomórficos, zoomórficos ou “máscaras” na arquitetura. • Capacidade do edifício de gerar pertencimento e resiliência cultural através de narrativas locais.

Fonte: Autores (2026)

O princípio da Materialidade Híbrida manifesta-se na arquitetura de reuso onde a incorporação de materiais de baixo carbono reforça práticas sustentáveis (Castelnou, 2003).

O princípio do Clima como Estrutura Formal revela-se altamente replicável em habitações sociais de contextos tropicais, ao priorizar estratégias passivas em vez de climatização mecânica, (Guimaraens, 2024). A sistematização desses PECs desafia modelos globalizados como o LEED, que privilegiam tecnologia em detrimento da contextualização projetual (Sobreira, 2010). Ao serem incorporados em projeto e ensino, os PECs estimulam criatividade contextualizada e autonomia, exigindo do arquiteto uma postura articuladora em vez da adesão a “cartilhas” padronizadas (Morreira, 2013). A obra de Guedes evidencia que a sustentabilidade profunda não reside na otimização produtiva, mas na adaptação criativa e culturalmente enraizada, reafirmando que diversidade cultural e engenhosidade humana são bases para o desenvolvimento urbano sustentável (Reis, 2011).

Tabela 2: Quadro Sintético - Diretrizes de EC na Arquitetura

Princípio (PEC)	Fundamento Teórico	Manifestação na Obra de Guedes	Potencial de Aplicação Contemporânea
Forma e Composição	Crítica ao Universalismo	Geometrias livres e orgânicas	Resistência à Padronização das cidades globais.
Materialidade e Técnica	Bricolagem e reuso	Concreto artesanal e técnicas locais	Arquitetura de baixo carbono e economia circular.
Estratégias Bioclimáticas	Regionalismo Crítico	Forma como dispositivo bioclimático	Redução de dependência de climatização mecânica.
Integração Arte e Imaginário	Sustentabilidade Cultural	Símbolos e imaginário tropical	Fortalecimento do pertencimento e resiliência social.

Fonte: Autores (2026)

6. Considerações Finais

A análise da obra de Pancho Guedes à luz da Ecologia Criativa evidencia que sua produção constitui uma alternativa consistente aos paradigmas modernistas de sustentabilidade. Ao rejeitar o universalismo formal e a tecnocracia, Guedes demonstra que a sustentabilidade envolve uma articulação profunda entre clima, cultura, materialidade e imaginário. A síntese das quatro dimensões analisadas, revela uma arquitetura que nasce da adaptação criativa e da inserção contextual, princípios essenciais para repensar o projeto em regiões tropicais.

A Ecologia Criativa, revela-se uma via para superar as limitações do modernismo ao propor uma sustentabilidade enraizada em invenção e imaginação. Os imaginários culturais, expressos por meio de símbolos e referências locais, emergem como operadores ambientais fundamentais, capazes de promover pertencimento e resiliência (dimensões negligenciadas pelas metodologias tecnocráticas). A obra de Guedes, sistematizada no *Vitruvius Mozambicanus*, demonstra grande potencial para inspirar práticas projetuais no Sul Global, onde o clima tropical, a escassez de recursos e a riqueza cultural exigem soluções integradas e inventivas. Suas estratégias reafirmam que a sustentabilidade arquitetônica depende mais da capacidade de interpretar o lugar, mobilizar saberes locais do que de tecnologias importadas.

Recomenda-se que pesquisas futuras ampliem o estudo comparativo entre a Ecologia

Criativa e outras abordagens de sustentabilidade, além de explorar sua aplicação prática em habitação social e ensino de projeto, consolidando-se como ferramenta metodológica para uma arquitetura tropical contemporânea e culturalmente situada.

Referências

ASHTON, Mary Sandra Guerra. Cidades criativas: contexto histórico e conceitual. In: ASHTON, Mary Sandra Guerra (org.). **Cidades criativas: vocação e desenvolvimento**. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2018. p.13-29.

BRUNDTLAND, Report of the World Commission on Environment and Development. **Our common future: report of the World Commission on Environment and Development**. New York: United Nations, 1987.

CASTELNOU, Antonio Manuel N. Arquitetura e sustentabilidade na sociedade de risco. **Terra e Cultura**, Londrina, v. 19, n. 37, p. 131-146, 2003.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2007.

FABBRINI, Ricardo Nascimento. Poética dos materiais na arquitetura contemporânea. **Rapsódia**, n. 14, 2018.

FARINHA, João Gonçalo Ferreira da Silva de Matos. **As máscaras da arquitetura: análise ao universo simbólico e representativo da máscara e a sua relação com a expressão arquitetónica**. 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Repositório das Universidades Lusíada, 2020.

FIGUEIRA, Jorge. Ética e Estética e Tudo o Mais: o Brutalismo na obra de Pancho Guedes. In: SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 10., 2013, Curitiba. **Anais [...]: Arquitetura moderna e internacional: conexões brutalistas 1955-75**. Curitiba: PUCPR, 2013.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREITAS, Vivian Silva. Arquitetura Hostil e a Sustentabilidade Social. In: ENCONTRO DE SUSTENTABILIDADE EM PROJETO, 7., 2019, Florianópolis. **Anais [...]: ENSUS 2019**. Florianópolis: UFSC, 2019. p. 700.

GONSALES, Patricia Cecilia. Os tentáculos da cidade catedral. uma análise das reflexões de Roger Bastide sobre arquitetura e urbanidade. In: PEREIRA, Pedro Henrique Máximo (org.). **Arquitetura e planejamento urbano para um futuro modelado**. Ponta Grossa: Atena, 2024. p. 26-37.

GUEDES, Pancho. **Vitruvius Mozambicanus**. *Arquitetura Portuguesa*, Lisboa, 5. série, n. 2, p. 1-??, jul./ago. 1985.

GUEDES, Pedro. **Algumas arquiteturas de Pancho Guedes: Vitruvius Mozambicanus**. São Paulo: FAU USP, 26 nov. 2014. 1 arquivo PDF (89 p.). Palestra apresentada no Ciclo AUH Encontros, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

GUIMARAENS, Dinah. Regionalismo crítico: da arquitetura moderna bioclimática às

malocas indígenas xinguanas. In: PEREIRA, Pedro Henrique Máximo (org.). **Arquitetura e planejamento urbano para um futuro modelado**. Ponta Grossa: Atena, 2024. p. 55-74.

HOWKINS, John. **Creative ecologies: where thinking is a proper job**. London; New York: Routledge, 2017.

LANDRY, Charles. Prefácio. In: REIS, Ana Carla Fonseca; KAGEYAMA, Peter (orgs.). **Cidades criativas: perspectivas**. 1. ed. em português. São Paulo: Garimpo de Soluções & Creative Cities Productions, 2011. p. 7-15.

MENDES, Rui Paes. O modernismo e suas abordagens em Moçambique e Angola. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 129-148, nov. 2012.

MOREIRA, Renata Alexandra Sousa. **Novas possibilidades na arquitetura**. 2013. Dissertação (Mestrado Integrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura, Universidade do Porto, Porto, 2013.

OLIVEIRA, Micaela Fabiana Abreu. **Arquitectura: a reação pictórica: a pintura no trabalho e vida de um arquiteto**. 2014. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Departamento de Arquitetura, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade

REIS, Ana Carla Fonseca. Introdução. In: REIS, Ana Carla Fonseca; KAGEYAMA, Peter (orgs.). **Cidades criativas: perspectivas**. 1. ed. em português. São Paulo: Garimpo de Soluções & Creative Cities Productions, 2011. p. 23-29.

REIS, Ana Carla Fonseca; URANI André. Cidades criativas: perspectivas Brasileiras. In: REIS, Ana Carla Fonseca; KAGEYAMA, Peter (orgs.). **Cidades criativas: perspectivas**. 1. ed. em português. São Paulo: Garimpo de Soluções & Creative Cities Productions, 2011. p. 30-37.

RODRIGUES, Marina Silva Bicalho; CHAGAS-FERREIRA, Jane Farias. Por uma cultura criativamente ecológica. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental (remea)**, Rio Grande, v. 41, n. 1, p. 360-380, jan./abr. 2024.

SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Enap, 2021.

SHIMBO, Lucia Zanin. **Sustentabilidade em Arquitetura e Urbanismo: um ponto sempre presente**. 2021. Ensaio (Prova Escrita do Concurso Público de Livre-Docente) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (IAU-USP), São Carlos, 2021.

SOBREIRA, Fabiano. Arquitetura e sustentabilidade: os riscos da onda verde: reflexões sobre a retórica ambiental nos concursos de arquitetura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ARQUITETOS, 19., [2010], Recife. **Anais** [do] 19º Congresso Brasileiro de Arquitetos. Recife: [s. n.], [2010]. p. 49-56.

TAVARES, Simone Ferandes; CHILETTO, Tatiana de Oliveira; INO, Akemi. Desenvolvimento sustentável: uma revisão crítica para repensar a arquitetura. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 7., 2022, São Carlos. **Anais** [do] VII Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo: refazer, restaurar e

revisar. São Carlos: IAU.USP, 2022. p. 939.